

PENSAR E IMAGINAR JESUS - A CRISTOLOGIA DA LIBERTAÇÃO LATINO-AMERICANA DE JON SOBRINO

Thinking and Imagining Jesus – Jon Sobrino’s Latin American Christology of Liberation

Pensar y imaginar Jesus – La Cristología de la Libertación Latino-americana en Jon Sobrino.

Luiz Vieira da Silva

É capuchinho da Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil. Fez mestrado em Teologia Sistemática na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Doutorado em Teologia Sistemática na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente, é professor de Teologia Sistemática na FAFICA (Caruaru-PE).

E-mail: lvieiradasilva@yahoo.com.br

Resumo

As imagens de Jesus e o pensamento da Cristologia da Libertação do seguimento da perspectiva Latino-americana, em Jon Sobrino, configura-se numa correlação entre Jesus histórico como o “Servo de Deus” do profeta Isaías e da Cristologia da Cruz do apóstolo São Paulo, os profetas-martirizados e os povos-crucificados.

Palavras-chave: Jesus-servo. Imaginário de Cristo. Profetas-martirizados. Povos-crucificados.

Abstract

The images of Jesus and the thought behind the Latin American Christology of Liberation, in the work of Jon Sobrino, is established in a correlation between the historical figure of Jesus, as a “Servant of God”, based on the prophecies of Isaías, and the Christology of the Crucifixion, by the apostle Saint Paul.

Keywords: Jesus-servant. The imaginary of Christ. Martyred Prophets. Crucified People.

Resumen

Las imágenes de Jesús y el pensamiento de la Cristología de la Libertación de la perspectiva latino-americana, en Jon Sobrino, se configura en una correlación entre Jesús histórico como el “siervo de Dios” del profeta Isaías y la Cristología de la Cruz del apóstol San Pablo, los profetas martirizados y los pueblos sacrificados.

Palabras-clave: Jesús-siervo; Imaginario de Cristo; Profetas martirizados; pueblos sacrificados.

* Jon Sobrino nasceu em Barcelona na Espanha, em 1938. Vive em El Salvador desde 1957. Licenciado em Filosofia e Mestre na Universidade de São Luis em engenharia mecânica. Doutorou-se em Teologia em Frankfurt, (A. M., RFA). É diretor do Centro Monseñor Romero e professor de Teologia na Universidade Centro-América, em San Salvador. Escreve em espanhol, mas há várias publicações traduzidas para outros idiomas, incluindo o português. Este teólogo foi notificação sobre sua Cristologia por parte da Congregação para a doutrina da fé, em 2006, porém, no ano passado de 2015, encontrou-se com o Papa Francisco que o recomendou continuar escrevendo.

Introdução

A Cristologia da Libertação Latino-americana do teólogo Jon Sobrino mostra-se como uma espiritualidade do seguimento do Jesus histórico, - filho de Deus, mas homem de Nazaré -, como o Servo de Deus profetizado em Isaías no Antigo Testamento e reassumido pela Cristologia da Cruz nos escritos paulinos do Novo Testamento correlacionando-o solidariamente com os povos-crucificados e os profetas-martirizados¹. Outros teólogos também escrevem sobre esta Cristologia do Jesus Histórico, todavia, apresenta-se ser o teólogo Jon Sobrino quem melhor desenvolve esta Cristologia da Cruz na perspectiva dos pobres oprimidos da América Latina. Eis por que a compreensão do imaginário de Jesus desta forma ser tão importante para a espiritualidade no mundo de hoje, haja vista, redescobrir o Jesus histórico voltando às fontes como propõe a Vaticano II. Assim sendo, este pensamento assenta sua relevância como *imagem paradigmática* para o seguimento de Jesus, reconfigurando uma Igreja-serva, evangelizadora mediante o testemunho e a palavra, pois Jesus ao assumir a condição de escravo (Fl 2, 7), faz-se historicamente um pobre, humilde, servidor, misericordioso, justo e solidário, abaixando-se e tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Fl 2, 8), ao mesmo tempo, transcende à realidade histórico-imanente quando seu Pai (Abbá, paizinho querido) o ressuscita da Cruz e o constitui “Cristo e Senhor” (adonai) (Atos 2, 36). Este “Cristo e Senhor” enviado do Pai celestial vive numa kênosis (rebaixamento, esvaziamento) por solidariedade salvífica, por isso, torna-se irmão universal de todos, ao mesmo tempo, em que é o “Deus vivo e verdadeiro” (1 Tess I, 9).

I – Imagem de Jesus-servo na perspectiva de Jon Sobrino

Duas considerações importantes na perspectiva de Jon Sobrino. *A primeira* é que já em um dos seus primeiros escri-

1 SOBRINO, J. Cristologia a partir da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1983. Idem. A fé de um povo oprimido no Filho de Deus. Concilium, n. 173, pp. 35[279] – 43[287]1982. Idem. Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. Concilium, n. 232. p. 117[845] – 127[855]1990. Idem. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño. Revista Latinoamericana de Teología, v. 17, n. 49, [abril]2000. Idem. Oscar Romero: Profeta e mártir da libertação. São Paulo: Loyola, 1988.

tos, faz referências a Jesus como Servo de Deus ressaltando a correlação existente entre Jesus e os povos latino-americanos, cheios de fé, crucificados pelas opressões, mas ao mesmo tempo grávidos de esperanças mediante a força da ressurreição de Jesus². *A segunda* é sobre o imaginário de Jesus visto a partir dos tempos e do espaço geográfico, nos quais e a partir dos quais elabora seu pensamento. Como influência do tempo, Sobrino viveu na eferescência dos acontecimentos eclesiais, antes, durante e depois do Concílio Vaticano II. Participou e ainda experimenta com toda probabilidade dos grandes debates teológicos e tendo contato com os grandes teólogos do século XX, os quais os cita constantemente em suas obras³. Quanto à geografia de sua cristologia – *locus christologicus* – é a Igreja latino-americana, mais precisamente a de *El Salvador* com suas histórias de opressões, dominações, injustiças, empobrecimentos, guerrilhas e conflitos sangrentos, nos quais foram ceifadas as vidas de vários profetas, dentre eles Dom Oscar Romero e o teólogo Ignácio Ellacuría⁴. Ainda hoje atua com perseverança e pertinácia nas suas convicções cristológicas, deixa-se transparecer em um dos seus artigos: “Jesús y la justicia”⁵.

Destarte, a nervura da Cristologia da Libertação na perspectiva de Jon Sobrino se constitui na correlação entre Jesus-servo com os profetas-mártires e os povos-crucificados latino-americanos⁶. Neste caso, o pólo do qual se deve partir é Jesus-servo de Deus⁷. A realidade latino-americana vista “a partir das vítimas” o fez construtor de um *pensamento e de um imaginário correlacional entre Jesus e os povos crucificados*⁸ bem como os cristãos que doaram suas vidas pelo Reino de Deus e

2 SOBRINO, J. Cristologia a partir da América Latina, op. cit., p. 191-244.

3 SOBRINO, J. Cristologia a partir da América Latina, op. cit., p. 44-55.

4 SOBRINO, J. Oscar Romero: Profeta e mártir da libertação. São Paulo: Loyola, 1988; Idem. Os seis Jesuítas mártires de El Salvador. São Paulo: Loyola, 1980; Idem. Los mártires jesuítas en el tercer mundo. Revista Latinoamericana de Teología, v.16, n. 48, p. 237-255, [dez.]1999.

5 SOBRINO, J. Jesús y la justicia. Revista Latinoamericana de Teología, v.21, n. 62, p. 179-198, [mai./ago.]2004.

6 SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 25ss.

7 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 287-392.

8 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 327-329.

a construção de um mundo mais humano, fraterno, livre das opressões e igualitário: os profetas-mártires⁹.

I.1 – Jesus, o santo servo

Convém destacar que a Cristologia da Cruz parte do hino cristológico da carta aos filipenses, onde Paulo não utiliza nem “*paistōtheou*” (menino de Deus) nem *diákonos* (servo) nem “*yíos*” (filho), mas faz uso do verbete grego: *doúlos*¹⁰, que quer dizer literalmente: o escravo, aquele que lavava os pés dos seus senhores e dos hóspedes quando chegavam de longas viagens. Nomeia-se também de servo, servente, servidor. Esta é a concepção paulina da carta aos filipenses (Fl 2, 6ss) e que se opta aqui para uma melhor compreensão e acerto para essa Cristologia da Cruz, e fugir de uma cruz do purodolorismo devocional. Jesus assumiu a condição de servo, o último dos últimos, para resgatar toda e qualquer realidade a ser redimida¹¹.

No segundo livro do Profeta Isaías, capítulo 53, há a Teologia do Servo de Deus como o “Justo Perseguido”. Cristãos de todas as gerações afirmam que Jesus é esse Servo de Deus. Este capítulo demonstra a vocação, missão e destinação última do Servo de Deus. Bem no início do capítulo se afirma:

“Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele” (Is 53, 2-3).

Assim, também o foi Jesus. Se pudermos ter uma *imagem de Jesus*, essa parece ser a mais verdadeira. A ciência é sempre

mais verdadeira do que os próprios crentes de hoje. Quando a arqueologia mostra um retrato aproximativo de Jesus, há uma rejeição total por parte de muitos cristãos porque não apresenta um Jesus “galã”, tão bonito como imaginam. Mas é esta imagem (de uma outra beleza) que o texto bíblico revela. É um retrato bem diferente das pinturas e quadros que os próprios meios artísticos fazem quando apresentam a imagem de Jesus. Alguns deles, semelhantes aos jovens galãs das novelas da Globo ou dos filmes de Hollywood! Desta maneira, parece que se pode fazer um Jesus conforme os interesses humanos! Isso é pura ilusão que se torna idolatria! E se assim o for, tem razão Ludwig Feuerbach quando afirma que Deus é uma projeção humana daquilo que o ser humano sonha ser no futuro.

Paulo sem tardança interpretou Jesus como o “Cordeiro de Deus” assim também fizeram os escritos da década de 90 d. C. quando revelam ser Jesus o “Cordeiro de Deus” (Jo 1, 36; Ap 21-22). Entretanto, de qualquer forma, com essa leitura de Paulo e João arrefeceram a força profética de Jesus porque eles deram mais ênfase a sua realidade última como a do Cordeiro imolado. Quando se lê em Isaías, só o capítulo 53, para aplicá-lo a Jesus incorre-se no perigo de uma compreensão do Servo de Deus somente como Cordeiro imolado em sacrifício para pagar o pecado do mundo. Eis por que, é necessário ler, pelo menos, os quatro poemas do Servo de Deus (Is 42,1-9; 49,1-8; 50,4-11; 52,13 – 53,13), pois, eles tratam com maior amplitude o Mistério do Servo de Deus e aí se pode aplicá-lo a Jesus com sua encarnação, missão e salvação com seu gesto supremo de amor solidário na cruz.

Pergunta-se de onde vem a Teologia do “Servo de Deus”? É uma longa e complexa história! Mesmo antes de Israel existir como “Povo de Deus”, já havia o mito nas religiões antigas, de um “justo perseguido, sofredor, inocente, imaculado”, o qual morria pelos pecadores. É provável ter havido uma “inculturação¹²” entre o Povo de Deus exilado na Babilônia e a

9 SOBRINO, J. A fé de um povo oprimido no Filho de Deus. *Concilium*. n. 173, p. 35[279]-43[287]1982; Idem, Os povos crucificados, atual servo sofredor de Javé. *Concilium*, v. 232, n. 6, p. 117[845]-127[855]1990; Idem, Los mártires jesuánico-seneltecerc mundo. *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 16, n. 48, p. 237-255.

10 SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo, op. cit., p. 274.

11 BALTHASAR, H. Teologia dei tregiorni. 5. ed. Brescia (Itália), Queriniana, 2003, p. 23ss. Encarnação tem como destino a paixão. São duas realidades assumidas por Jesus, as quais estão correlacionadas com a finalidade de redimir o ser humano. Veja-se também: FERRARO, B. Cristologia. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 32-76.

12 PÉNOUKOU, É-J. Inculturação. In: LACOSTE, J-Y. (Dir.) Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 885ss. Na América Latina, usa-se “inculturar-se” ou “inculturação da fé”. No Cristianismo, o paradigma de “inculturação” é o Verbo de Deus encarnado, Jesus, o Cristo, que se abre à comunicação entre os seres humanos e todas as culturas. O decreto do Vaticano II, “Ad Gentes” põe claramente a teologia da inculturação: “A semente que é a Palavra de Deus, germinando em terra boa, irrigada pelo orvalho divino, extrai a seiva, transforma-a e a assimila a si para então dar fruto abundante. De modo semelhante à economia da Encarnação, as Igrejas novas radicadas em Cristo, e superedificadas sobre o funda-

antiga religião da Pérsia do rei Ciro, o Zoroastrismo, existente ainda hoje. O discípulo anônimo de Isaías ao escrever sobre o Servo de Deus transpôs o imaginário do “inocente, imaculado e justo perseguido” para seus escritos. Afinal de contas, sofrimento e morte de um justo que passa por perseguição são sempre universais.

No livro de Atos dos Apóstolos há quatro menções a Jesus como o “Santo Servo de Deus” (At 3, 13.26 e 4, 27.29). Na *Didaqué*, também, registra Jesus como o “Santo Servo de Deus”, sobretudo, nas orações enquanto se celebrava a Ceia do Senhor (Eucaristia). O Papa São Clemente Romano escrevendo aos Coríntios também falou de Jesus como “Santo Servo de Deus”. O Papa Leão, em 449 d. C., antes do Concílio de Calcedônia (451 d.C), quando escreveu seu “Tomo” ao arcebispo de Constantinopla Flaviano, por duas vezes, retrata Jesus como o Filho de Deus que encarnando assumiu a forma de “Servo”.

Platão, filósofo grego, viveu entre os anos 428-347 a. C., também nos seus escritos sobre a ética da Justiça fala da ideia do “justo perseguido” por defender a Justiça. O filósofo Kant (1724-1804), de tradição protestante, explora a mesma ideia do “justo perseguido” transpondo-a para Jesus. O teólogo Ratzinger, hoje, Bento XVI, Papa emérito, no seu livro “Introdução ao Cristianismo” aborda o mesmo tema da revelação na cruz mediante o “justo sofredor”. Foi de suma importância que este Papa no início do seu pontificado tenha premiado aos católicos, cristãos e pessoas de boa vontade com uma fecunda alocução sobre Jesus como Servo de Deus (doúlos = escravo) na Carta de São Paulo aos Filipenses, capítulo 2, 6-II.

Daí, não há dúvida de ser Jesus o “Santo Servo de Deus” profetizado por Isaías. Na história do cristianismo imagina-se não haver outro ser humano que se assemelhe mais ao Servo de Deus em Isaías do que Jesus. Nesta perspectiva, chama-se de “Justo Perseguido”, pois assim foi Jesus, perseguido durante toda a sua vida terrena. Entretanto, não se pode ler somente Isaías 53 com sendo o único texto que fala do Servo sofredor. Necessário se faz ler todo o conjunto dos

mento dos Apóstolos, assumem em admirável intercâmbio todas as riquezas das nações, herança de Cristo. Tomam emprestado dos costumes e tradições, do saber e doutrina, das artes e sistemas dos seus povos tudo o que pode contribuir para glorificar o Criador, para ilustrar a graça do Salvador e para ordenar convenientemente a vida cristã”.

quatro poemas que o profeta anônimo, discípulo de Isaías, deixou como herança. A partir do imaginário da poesia, podemos acessar a ideia de Jesus.

A primeira grande característica do Servo de Deus em Isaías, a *eleição*: “Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer” (Is 42, 1), com Jesus acontece da mesma forma, sobretudo nos sinóticos¹³. Em João, Jesus é o *Escolhido* por excelência: “E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus” (Jo 1, 34). Esta concepção de Eleição feita por Deus ao Servo, aos profetas ou ao povo no Antigo Testamento, passa no Novo Testamento a ser feita por Jesus ou quando Deus escolhe alguém, o faz através de Jesus: “Nele, Ele nos escolheu antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor” (Ef 1, 4). Os Apóstolos escolhidos por Jesus, por sua vez, também, escolhem pessoas para o serviço como a eleição dos sete diáconos (At 6, 5).

A segunda característica do Servo de Iahweh é a *missão* pela palavra e pela ação, levando ao povo de Israel e aos povos da terra a Boa-Notícia e instaurando o direito e a justiça na terra (Is 42, 4.6). Em Jesus é fundamental o anúncio e a prática do Reino (Mc 1, 15). Quando se confronta o texto de Isaías e os Evangelhos, há uma identificação perfeita das duas teologias entre o Servo de Iahweh e Jesus. Para Sobrino, dentre as várias atividades práticas de Jesus destacam-se duas dimensões do Reino: a *misericórdia*¹⁴ exercida nas curas e milagres e teorizada nas parábolas e a *solidariedade*¹⁵ para com os empobrecidos fazendo com que tenham os seus direitos de seres humanos garantidos e se estabeleça a *justiça* do Reino de Deus no meio deles.

A terceira grande marca do Servo é *adestinação* da perseguição por parte dos poderosos e sua morte injusta, mas ao mesmo tempo vicária (Is 53) numa dimensão escatológica. É impossível dissociar do imaginário de Jesus seu destino de perseguição desde seu nascimento até o ápice na morte de Cruz, entretanto, a vitória com a ressurreição¹⁶. Jesus foi perseguido a vida toda, por causa de seus ensinamentos sobre Deus e os seres humanos, de suas denúncias contra

13 Cf.: Mc 1, 11; Mt 3, 17; Lc 3, 22.

14 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 140.

15 SOBRINO, J. O Princípio Misericórdia. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 213ss.

16 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 288ss.

os poderosos e a falsa interpretação vigente da religião bem como por suas práticas libertadoras das pessoas oprimidas, reintegrando-as na comunidade e sociedade de seu tempo. Enfrentou e assumiu corajosamente até o fim a missão abraçando a morte de cruz, por isso, Deus-Pai o ressuscitou aprovando e prodigalizando sua ação “solidária-substitutiva” (Walter Kasper) em favor de muitos, por isso, salvífica para quem nele crê.

I.2 – Profetas-mártires

Neste item, quer-se demonstrar que o esquema teológico de Jon Sobrino nesta perspectiva se mostra dialético entre três pólos. Ele jamais pensa algo isolado, mas uma realidade está sempre tecida correlativamente uma com outra, dentro de uma grande rede sistêmica formando um todo. Assim sendo, o imaginário de Jesus como servo de Deus está sempre correlacionado com seus seguidores, sejam profetas e mártires, sejam os povos crucificados. Em se tratando dos Profetas-mártires, Sobrino destaca, entre vários, um, o qual se tornou símbolo de uma evangelização libertadora na América Latina: Dom Oscar Romero¹⁷, já elevado às honras dos altares pelo Papa Francisco.

Jon Sobrino faz uma “identificação mística” de Dom Oscar Romero com Jesus, o Cristo-servo, quando associa as características de ambos. Vê neles os mesmos imaginários teológicos do Servo de Iahweh, como triângulo de três faces que se correlacionam: Servo de Iahweh, Jesus Cristo e Dom Oscar Romero. Ele sistematiza quatro características: “encarnação, missão, cruz e ressurreição¹⁸”, entre Jesus-servo e o mártir Oscar Romero, as quais bastam para assegurar esta asserção. Evidentemente, há uma única diferença com Jesus: Este é em si mesmo “realidade última” para aonde todos os seres humanos se destinam¹⁹.

17 Oscar Arnulfo Romero Galdámez (1917-1980), foi sacerdote católico salvadoreño, arcebispo metropolitano de San Salvador (1977-1980), assassinado enquanto celebrava uma missa, a 24 de março de 1980. O atirador pertencia à elite do exército salvadoreño, treinado na Escola das Américas. Sua morte provocou uma onda internacional de protestos. Romero denunciava os latifundiários e poderosos do país. Lutava sobretudo contra as injustiças sociais.

18 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 27.

19 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 106ss.

A primeira característica é a encarnação quando Dom Oscar Romero, assemelhando-se a Jesus ao assumir a história humana (Jo 1, 14), também assume a realidade salvadoreña²⁰. Como em toda a América Latina, a realidade salvadoreña é de dominação por parte de elites ricas e poderosas esmagando os empobrecidos. O autor em estudos, numa feliz comparação entre o Cristo no Evangelho de João que se encarna, não só no sentido da “carne”, mas na dimensão do *sarx*, que quer dizer: “o débil da carne”, e Dom Oscar Romero, afirma que este último “não se encarnou, simplesmente, na realidade salvadoreña, senão no mais débil dela, em sua dor, pobreza, sofrimento, opressão e repressão aos pobres²¹”.

A segunda é a missão de evangelizar como Jesus pregando o Reino de Deus, assim Dom Oscar Romero evangelizou mediante a Palavra e ações toda a realidade salvadoreña²². Foi um profeta denunciando as injustiças e, sobretudo, sendo “a voz dos sem voz” em seus pronunciamentos em homilias, escritos e meios de comunicação²³.

A terceira é a cruz culminando com sua morte injusta. Como Jesus, Dom Oscar Romero carregou a cruz da realidade de dominação e opressão aos empobrecidos, vivendo uma espiritualidade de honradez com a realidade, a qual carregou como cruz durante seu ministério episcopal até o dia em que o mataram. Assumiu seriamente a “opção pelos pobres” feita oficialmente em Medellín e Puebla²⁴. Assumiu-a com firmeza evangélica a defesa das vítimas da repressão e por isso era perseguido pelos poderosos. Enfrentou os conflitos reais com denúncias proféticas, com espírito de fortaleza e de entrega carregando a cruz da realidade até o ápice de seu martírio, em 24 de março de 1980.

E por fim, a quarta é a ressurreição que Dom Oscar Romero experimentou já ao carregar o peso da realidade e a esperança de ressuscitar no seio de seu povo quando ele disse pouco antes de o matarem: “Se me matarem, ressuscitarei no povo

20 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 27-30.

21 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 28.

22 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 30.

23 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 30.

24 Documentos do CELAM, Conferência de Puebla, n. 1134.

salvadorenho²⁵”. Jon Sobrino, ao analisá-lo a partir de sua espiritualidade, destaca três sinais fortes de ressurreição na vida desse mártir:

O primeiro sinal é a liberdade em face aos conflitos e defesa das vítimas do sistema repressivo. A liberdade para Dom Romero era fazer o Bem aos pobres e por isso, ele se achava um homem livre²⁶. E esta liberdade segundo nosso escritor vinha de sua ligação espiritual com Jesus bem como de sua convivência com seu povo. Eis por que podia dizer como Jesus, sobre sua vida de pastor: “ninguém tira a minha vida, eu a dou livremente” (Jo 10, 17-18). O segundo sinal é a alegria de viver servindo o povo pobre e desumanizado pelos poderosos. Em meio aos conflitos, o pastor Romero vivia em paz e alegria sempre rodeados de seu povo pobre: crianças, camponeses e pessoas simples. Comenta Sobrino ter dito ele uma vez com altivez: “com este povo não custa ser um bom pastor²⁷”. E por último o sinal da esperança em meio aos desesperançados sobre a situação extrema de repressão. Comenta Sobrino: “ele era um homem de esperança. Quando o interrogavam se havia saída para a situação, sempre dizia: ‘sim, há saída!’”. Com esta mística cristã da esperança, de alguém se entregando totalmente a Deus e a causa de seu Reino a começar pelos pobres, ele “triunfou sobre a resignação, a desesperança e o desencanto²⁸”.

I.3 – Povos-crucificados

Há quatro imaginários do Servo de Iahweh no Dêutero-Isaias²⁹: *a) coletiva*: Servo de Deus seria todo o povo de Israel exilado naquele momento; *b) individual*: Servo de Deus seria um personagem que libertaria Israel do exílio, por isso, Ciro, o rei de Pérsia, quando conquistou a Babilônia e libertou o povo de Israel para retornar à sua terra natal, foi visto

25 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 34.

26 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 34.

27 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 35.

28 SOBRINO, J. Monseñor Romero: Cristiano y salvadoreño, op. cit., p. 35.

29 ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. Profetas I. São Paulo: Paulinas, 1988, pp. 278-279; Vejam-se também os exegetas: SEVERINO CROATTO, J. Isaias; WIENER, C. Dêutero-Isaias; RAD, G. Teologia do Antigo Testamento; SCHWANTES, M. Sofrimento e Esperança no Exílio; MESTERS, C. A missão do povo que sofre; BORTOLINI, J. Jesus: Servo sofredor e testemunha fiel. Vida Pastoral, n. 235, p. 41ss, [mar./abr.]2004.

como Servo ungido do Deus (Is 45, 1); *c) mista*: seria uma correlação do povo com o rei ou profeta; *d) messiânica*: Servo seria um Messias que não só libertaria Israel do exílio, mas, mormente reconstruiria a Aliança e instauraria novos tempos e novas realidades escatológicas. Tanto Carlos Mesters com seu livro: “A missão do povo que sofre” como Sobrino fazem uma estreita correlação entre o povo sofredor e Jesus, como servo de Deus. Como já se viu, para Sobrino, a partir do imaginário de Jesus, podem ser compreendidos como o Servo de Iahweh, os povos-crucificados e os profetas-mártires da América Latina. Isto porque tanto os povos-crucificados como os profetas-mártires em nossa realidade estão ligados a Jesus pelo batismo e seguimento na construção do Reino de Deus. Eles são de muita fé em Jesus e, ao mesmo tempo, são vitimados semelhantemente a Jesus.

Em se tratando do imaginário das características do Servo de Iahweh em Isaías, principalmente as três: *eleição, missão e destino*, quando se aplicam aos povos crucificados deste continente são adequáveis inteiramente. *A primeira característica dos povos crucificados como Servo de Iahweh é a eleição do povo de Deus, a qual está nos textos veterotestamentários, de forma bem explícita: em Dt 7 e 9, em Is 41, 8ss: “E tu, Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, meu amigo, [...]”. Nos escritos neotestamentários, vê-se na saudação da primeira carta petrina: “Pedro, aos estrangeiros da dispersão, [...] eleitos segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecer a Jesus Cristo e participar da bênção da aspersão do seu sangue” (IPd I, 1-2). Na Lumen Gentium, capítulo 9, o Concílio reflete a eleição do novo povo de Deus como um povo messiânico em três dimensões: sacerdotal, profético e real. Na América Latina há uma identificação do povo de Deus com os pobres³⁰ e, por isso, a Igreja fez opção pelos pobres em Puebla. Desta forma, Igreja povo de Deus se associa e se identifica com a Igreja dos pobres, haja vista os pobres serem os eleitos de Deus, são eles quem mais têm fé e esperança em Jesus, o Cristo. Eles possuem os imaginários dos rostos do Servo sofredor em Isaías e se identificam com Jesus, o Cristo sofredor³¹. Neste sentido, Sobrino faz a correlação entre o rosto de Cristo e o rosto da*

30 COMBLIN, J. O povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2002, p. 88ss.

31 Documentos do CELAM, Conferência de Puebla, n. 31-39.

Igreja dos pobres³² como duplo, ou as duas faces de um mesmo imaginário de Jesus.

A segunda característica dos povos crucificados como servo de Deus - a Igreja dos pobres - é a missão de estabelecer o direito e a justiça (Is 42, 1.4.6) e ser luz para as nações (Is 42, 6; 49, 6). Quando se fala no direito e a justiça³³ entre os povos crucificados, está se reportando ao tema da Aliança feita por Deus com o seu povo no Antigo Testamento e reconfigurada definitivamente em Jesus. Estes povos crucificados estão misticamente identificados com Jesus, por isso, re-atualiza a nova Aliança toda vez quando eles lutam para estabelecer entre si o direito e a justiça, os quais lhes foram tirados. Quando se aborda a missão dos povos crucificados de implantar o direito e a justiça, de ser “luz para as nações³⁴”, toca-se na questão do testemunho de vida evangélica que os povos crucificados dão e sua capacidade de serem universais e povos de diálogos com as diferentes culturas. Os povos crucificados são o servo a trazer a luz para as nações porque eles se mostram humilhados e sem nenhum poder de ostentação, mas conduzem consigo a capacidade de servir gratuitamente num mundo da competição discriminadora e excludente. Eles são um servo sem poder dominador, mas com o poder-serviço, por isso, tornam-se universalmente abertos a todos.

A terceira característica destes crucificados é a capacidade de construir utopias, como cultura solidária, paz duradoura, democracias políticas e raciais e, sobretudo, sonhar/imaginar os valores do Reino de Deus aqui na terra e sua ultimidade escatológica, pois são povos que acreditam na ressurreição de Cristo. Ainda neste âmbito do destino dos povos crucificados, pode-se ver as duas dimensões da cruz: a morte dos povos como consequência de suas lutas por justiça e as vítimas inocentes do neoliberalismo capitalista. Na concepção de Puebla, eles oferecem um “potencial evangelizador” e de salvação na história com seus valores como interpelação mediante a “solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus³⁵”. Eles oferecem ainda para o mundo, fé encarnada na realidade, esperança histórica de transformação e

o amor perdoadando até seus inimigos opressores³⁶.

II - Prospectivas para um imaginário e uma espiritualidade no seguimento de Jesus

A partir do exposto, tentar-se-á algumas prospectivas para um imaginário de Jesus e uma Cristologia do seguimento de Jesus nesta ótica de Sobrino. É possível construir uma perspectiva e, a partir dela, reconfigurar toda a Cristologia. É possível engendrar pistas de reflexão e sobre as quais se poderá agir, até porque seguir Jesus exige radicalmente uma Cristologia praxis mais do que um pensamento especulativo dogmático. Dentre tantos pontos a ressaltar nesta pesquisa, convém destacar alguns imaginários prospectivos, as quais poderão servir para o cristão e os seres humanos de hoje seguir a Jesus, como Servo de Deus.

II. 1 – Seguimento de Jesus-servo de Deus nas Igrejas cristãs

A primeira consideração a fazer é sobre o seguimento de Jesus-servo na América Latina, o qual leva a redescobrir o imaginário do Jesus histórico. Não há dicotomia entre Jesus histórico e o Cristo da fé. Sobrino acentua que o “Cristo não é outro senão Jesus” e se sabe quem é Deus a partir de Jesus. Não se exclui assim o imaginário de Jesus como o divino-humano como está afirmado nos concílios dogmáticos³⁷. Neste sentido, é importante ressaltar que a Cristologia da Libertação é atual, mas não abandona as afirmações dogmáticas acerca de Jesus, o Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem³⁸.

Uma segunda consideração é redescobrir o poder-serviço em qualquer situação, circunstância, tempo ou lugar, tendo como paradigma o Jesus-servo. É preciso compreender esse tipo de poder-serviço como um novo paradigma para o seguimento de Jesus, reconfigurando-o a partir de Jesus como Filho de Deus, ao assumir a condição humana e, dentro desta, na forma de servo (Fl 2, 6-7). Ele é plenamente humano porque é plenamente divino. Como afirma Leonardo Boff: “humano assim, só podia ser divino”. O poder-serviço é a forma mais perfeita de Jesus manifestar o seu amor, e este por sua vez

32 SOBRINO, J. Ressurreição da Verdadeira Igreja. São Paulo: Loyola, 1982, p. 100ss.

33 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 372.

34 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 376s.

35 Documentos do CELAM, Conferência de Puebla, n. 1147.

36 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 379-380.

37 SOBRINO, J. Jesus na América Latina. São Paulo: Loyola; Vozes, p. 23.

38 SOBRINO, J. Jesus na América Latina, op. cit., p. 23s.

se mostra como poder-serviço³⁹. Na perspectiva evangélica, amor e poder se reconfiguram como amor-serviço e poder-serviço⁴⁰.

A terceira consideração conclusiva é as dimensões de “comunhão e participação” na vida vivida e na história que se faz. Na Igreja Católica, depois do Concílio Vaticano II, despertou-se para estes dois grandes valores da “participação e da comunhão” na missão de evangelizar. A Cristologia da Libertação Latino-americana entende ser cogente um equilíbrio entre participação e comunhão.

*A quarta consideração final é sobre a solidariedade por compaixão e por misericórdia*⁴¹. Há de se compreender que as místicas das tradições bíblicas nasceram da experiência de dor da escravidão, do deserto e do exílio quando Deus se compadece pela dor alheia⁴². O texto e o imaginário do Servo de Deus tanto em Isaías quanto na espiritualidade neotestamentária está neste mesmo enquadramento. Podem-se destacar as parábolas de Jesus, as quais falam desta mística solidária através da compaixão e da misericórdia para instaurar o Reino de Deus: a do samaritano, a do filho pródigo e a do juízo final, em Mateus, e nesta, Jesus se identifica sacramentalmente com os sofredores⁴³: “tudo o que fizeste a estes sofredores, foi a mim que fizestes” (Mt 25,37-40).

A quinta consideração a fazer é que Jesus-servo serve de imagem para uma Igreja dos pobres. O título Jesus, servo de Deus está na base social - um Deus maior que se faz menor⁴⁴ - e faz suscitar uma “opção pelos pobres”, mais concreto ainda faz uma “Igreja dos pobres⁴⁵”, mais fiel ao seu pensamento uma “Igreja dos pobres crucificados⁴⁶”, mas “ressuscitados já na história⁴⁷”.

II.2 – Seguimento de Jesus-servo no mundo de hoje

39 BOFF, C. Teologia do Poder. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, v. 85, n. 1, [jan./fev.]1991, p. 37.

40 MAY, R. Poder e Inocência. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 93.

41 SOBRINO, J. O Principio Misericórdia, op. cit., p. 31ss; 213ss.

42 METZ, J. B. Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização. In: GIBELLINI, R. Perspectivas Teológicas para o Século XXI. Aparecida: Santuário, 2005, p. 353-364.

43 PIXLEY, J.; BOFF, C. Opção pelos pobres. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 131-145.

44 SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo, op. cit., p. 137ss.

45 SOBRINO, J. Ressurreição da verdadeira Igreja, op. cit., p. 148ss.

46 SOBRINO, J. Jesus, o Libertador, op. cit., p. 366ss.

47 SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo, op. cit., p. 119ss.

A primeira consideração é um diálogo interdisciplinar ad intra e ad extra da Igreja e na Cristologia da Libertação. O imaginário das características do Servo em Isaías e de Jesus como Servo possibilitam formar esse paradigma de uma espiritualidade interdisciplinar como numa mesa redonda onde se degustam os sabores dos saberes diversos. “Tudo está interligado”, afirma várias vezes o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'*. A interdisciplinariedade seja na “teia do conhecimento” ou na espiritualidade potencializa um diálogo circular entre os iguais⁴⁸, pois Jesus se mostra em sua *kénosis* como o último dos últimos, escravo de todos (Fl 2) que lava os pés de todos dentro de uma ceia-refeição. Não há primazia de ninguém no lava-pés do Evangelho de João, capítulo 13, com isso ele põe por terra todo o poder opressor e se afirma o poder-serviço do amor. Em Isaías, o Servo é um profeta para Israel e as Nações, o povo e ilhas distantes, com os objetivos de implantar o direito e a justiça, de libertar os oprimidos (Is 42, 6-8) e de anunciar o fim das realidades velhas e o surgimento das novas (Is 42, 9). Jesus em toda a sua prática faz esse diálogo interdisciplinar e universal como Servo de Deus. Ao anunciar o programa do Reino (Lc4, 18-19), Jesus parte para uma missão dialogal com os oprimidos do mundo assumindo o serviço de escravo e em seus gestos proféticos possibilitou abertura dialogal com todas as realidades mostrando-se assim numa experiência espiritual de interação com toda as realidades que ele encontra. Para o escândalo de muitos, Jesus se relaciona com outras matrizes e tradições religiosas. A partir desta visão, há de ser sempre um aprendizado mútuo de vida e na história das pessoas, igrejas e religiões.

A segunda consideração, uma espiritualidade toda ela servil porque tem como imaginário Jesus-servo. Uma espiritualidade servidora, fraterna, humilde, sem poder de dominação, solidária, libertadora a se doar livre e gratuitamente, vivendo em participação e comunhão, e por assim dizer, reconfigura-se uma vida espiritual mediante características de uma imagem histórica e paradigmática de Jesus-servo de Deus. E o próprio Jesus assim afirma: “O Filho do Homem

48 MORIN, E. O diálogo supõe a igualdade. In: CASTRO, G.; DRAVET, F. (Org.). Sob o céu da cultura. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004, p. 19ss.

não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate por muitos” (Mt 20, 25-28).

A terceira consideração conclusiva a partir da Cristologia da Libertação Latino-americana conforme ensaia Sobrino, necessário se faz, correlacionar o princípio misericórdia com a justiça⁴⁹. Num continente assolado pelas injustiças com os empobrecidos convém configurar o uso da misericórdia com os povos-crucificados para fazer-lhes justiça. A misericórdia é o princípio que deve fazer acontecer a justiça com as vítimas injustiçadas quando seus direitos são historicamente subtraídos.

A quarta proposta conclusiva a partir do imaginário do seguimento de Jesus-servo de Deus se reconfigura com a prática do perdão com o objetivo da prática da não-violência. Uma das características do Servo de Deus é oferecer-se oblativamente perdando até os seus incriminadores (Lc 23, 34). Conforme René Girard, com essa atitude de perdão de Jesus, o ciclo vicioso da violência que exige sacrifícios se desfaz dando início à prática da não-violência. Somente não revidando as atitudes dos maus e exercendo a prática do perdão se pode viver e conviver sem violência. Evidentemente, como afirmam grandes altruístas, a não-violência não pode ser passiva, mas sempre uma não-violência ativa⁵⁰.

E, a quinta prospectiva, com a finalidade de abrir perspectivas simbólica do “Princípio Esperança⁵¹”. Este princípio se evidencia desde o começo da pregação do Servo de Deus em

49 SOBRINO, J. O princípio misericórdia, op. cit. Idem. Jesús y la justicia, op. cit.: Os princípios: misericórdia e justiça devem andar justos correlacionados mutuamente, pois ambos se fazem necessários serem aplicados para que o Reino de Deus aconteça num continente de empobrecidos por causa da concentração de riquezas e onde os direitos humanos são desrespeitados e a misericórdia precisa ser aplicada aos pobres bem como aos pecadores.

50 GIRARD, R. O bode expiatório. São Paulo: Paulus, 2004, p. 150ss. Idem. A violência e o sagrado. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 11ss. Idem. Eu via satanás cair do céu como um raio. Lisboa: Instituto Piaget, 2002, p. 37ss. Neste capítulo, Girard defende a sua teoria do “ciclo de violência mimética” existente no mundo, o qual foi destruído no perdão que Jesus ofereceu na cruz aos seus algozes. Veja-se também: FERRARO, B. Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 54ss.

51 BLOCH, E. O Princípio Esperança. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. Há uma vasta literatura produzida no século XX a partir da publicação desta obra tanto na Teologia quanto nas Ciências humanas e sociais.

Isaiás passando pela Esperança Messiânica em séculos de história até Jesus e se afirma a partir do cristianismo como virtude fundamental da vida cristã (1Cor 12, 13) além de possibilitar construção de utopias no mundo. A esperança do Reino de Deus e da ressurreição se constitui as ideias fundamentais dos escritos neotestamentários. As cartas de Paulo e de modo especial a dos romanos manifestam o grande desejo ontológico do ser humano da esperança (Rm 8, 18ss). O desfecho do Apocalipse é a esperança de um “novo céu e uma nova terra” (Ap 21) com a “segunda vinda” de Jesus glorioso implantando o Reino de Deus em plenitude e entregando-o a Deus-Pai, o qual “será tudo em todos” (1Cor 15, 25-28). E o revelador afirma: “Vi então um céu novo e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existe. E a cidade santa, a nova Jerusalém, eu a vi descendo do céu, de junto de Deus, preparada como uma esposa que se enfeitou para seu esposo. E ouvi uma voz forte, vinda do trono, que dizia: *Eis a morada de Deus com os homens. Ele habitará com eles. Eles serão seu povo e ele será o Deus que está com eles. Ele enxugará toda a lágrima de seus olhos. Já não haverá morte. Não haverá mais luto, nem clamor, nem sofrimento, pois o mundo antigo desapareceu. E Aquele que está sentado no trono disse então: Eis que eu faço novas todas as coisas*” (Ap 21, 1-5).

Referências bibliográficas

ALONSO SCHÖKEL, L (1998); SICRE DIAZ, J. L. Profetas I. São Paulo: Paulinas.

BOFF, C. (1991) Teologia do Poder. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, v. 85, n. 1, [jan./fev.] p. 37

COMBLIN, J. (2002) O povo de Deus. São Paulo: Paulus.

MAY, R. (1986) Poder e Inocência. Rio de Janeiro: Guanabara.

METZ, J. B. (2005) Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização. In: GIBELLINI, R. Perspectivas Teológicas para o Século XXI. Aparecida: Santuário.

MORIN, E. (2004) O diálogo supõe a igualdade. In: CASTRO, G.; DRAVET, F. (Org.). Sob o céu da cultura.

Brasília: Thesaurus; Casa das Musas.

PÉNOUKOU, É-J. (2004) Inculturação. In: LACOSTE, J-Y. (Dir.) Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola.

PIXLEY, J.; BOFF, C. (1986) Opção pelos pobres. Petrópolis: Vozes.

SOBRINO, J. (1983) Cristologia a partir da América Latina. Petrópolis: Vozes.

SOBRINO, J. (1988) Oscar Romero: Profeta e mártir da libertação. São Paulo: Loyola.

SOBRINO, J. (2004) Jesús y lajusticia. Revista Latinoamericana de Teologia, v.21, n. 62, p. 179-198, mai./ago.

SOBRINO, J. (2000) A fé em Jesus Cristo. Petrópolis: Vozes.

SOBRINO, J. (1994) Jesus, o Libertador. Petrópolis: Vozes.